

Paulo em Atenas

Cornelius Van Til

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Aqui, na linguagem do crente simples, temos a teologia geral de Paulo. Para os nossos propósitos, podemos chamar a teologia geral de Paulo de sua teologia da história. Mas a filosofia da história de Paulo, diretamente lhe revelada por Cristo e seu Espírito, não é filosofia da história como os homens usualmente falam dela. Aqui está uma filosofia da história que inicia a partir da identificação do próprio Cristo como um com o Pai, como enviado pelo Pai para salvar o seu povo do seu pecado.

Com enorme entusiasmo e disposição ilimitada ao sacrifício de si mesmo, para que todos os homens, em todos os lugares, pudessem ouvir desse Cristo, Paulo vai ao judeu e gentio igualmente, sempre os persuadindo a abandonar tudo aquilo no que crêem, para aceitar a Cristo. Para Paulo todos os homens são criaturas feitas à imagem de Deus. Daí, todos os homens conhecem a Deus como seu criador. Mas conhecendo a Deus, todos procuram suprimir esse conhecimento de Deus (Rm. 1). Através do seu pecado em Adão, todos os homens se tornaram violadores do pacto. Como tal, inventam várias filosofias da história – construídas, todas elas, sobre a suposição comum que os homens não são criaturas de Deus, e, portanto, não são pecadores contra Deus. “O homem não-espiritual”, diz Paulo, “não recebe os dons do Espírito de Deus, pois lhe são loucura, e ele não é capaz de entendê-los, pois são espiritualmente discernidos” (1Co. 2:14, RVS).

Paulo então tinha receio de pregar a Cristo e a crucificação, Cristo e a ressurreição, àqueles que eram incapazes, por serem espiritualmente indispostos a aceitar sua mensagem? De forma alguma. Paulo vai até Atenas para desafiar a sabedoria do mundo, as filosofias humanas que são baseadas na suposição que os homens não são criaturas de Deus, que não são

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em abril/2008.

pecadores contra a lei de Deus, que todo homem pode ou ao menos deveria ser seu próprio salvador dos males da vida. Como tal, a filosofia dos gregos é típica da filosofia do homem natural, em qualquer lugar e em todo estágio da história.

Paulo sabe que como Cristo dos céus o envolveu com aquela luz que deve iluminar a todo homem se ele haverá de ter alguma luz, assim o Espírito de Cristo trará, por sua graça regeneradora, luz aos homens. Como Jesus capacitou o homem fisicamente cego a ver com os seus olhos, assim o Espírito de Cristo capacitará o espiritualmente cego a enxergar a verdade sobre ele mesmo e sobre tudo o que está ao seu redor.

Como Jesus não se importou sobre um ponto de contato com Lázaro, que estava fisicamente morto, assim Paulo não se importou sobre um ponto de contato com os gregos, que estavam espiritualmente mortos. Eles podem inventar todos os tipos de teoria da realidade, do conhecimento, e de ética, todas baseadas na suposição nunca criticada, que o homem não é um violador pactual diante de Deus. Paulo removerá as máscaras das suas faces e lhes mostrará a verdade sobre eles mesmos.

Paulo diz aos gregos que eles, como todos os outros homens, são criaturas de Deus. Paulo *proclama* isso a eles. Paulo não constrói uma teologia natural – uma teologia natural que propõe suplementar ou de alguma forma melhorar a teologia natural dos gregos. Tivesse feito isso, ele não traria Cristo e a ressurreição a eles. Ele não teria pregado a ressurreição como aquele fato através do qual “Deus assegurou a todos os homens” do dia vindouro “no qual julgará o mundo em justiça” (Atos 17:31). Paulo proclamou o *fato* da criação, o *fato* da ressurreição de Cristo, e o *fato* do julgamento vindouro de todos os homens por Cristo como o juiz, como juntos constituindo uma filosofia da história que em cada ponto desafiava a filosofia da história do homem natural em geral, e dos gregos em particular.

Os cristãos bíblicos causam grande dano à sua própria causa, se falam de teísmo *grego*. O que é um teísmo que exclui a distinção criador-criatura das Escrituras? O que é um teísmo que não permite nenhum lugar para a queda do homem e para sua redenção na história, por meio da morte e ressurreição de Cristo? O que é um teísmo no qual Cristo não pode, como

verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, retornar sobre as nuvens do céu, para julgar vivos e mortos?

O teísmo grego começa com o homem como se esse fosse autônomo, como se os fatos sobre ele, juntamente com ele mesmo, tivessem vindo à existência a partir do túmulo do acaso; e como se esse homem pudesse corretamente fazer a pergunta *se existe um* deus, e devesse procurar responder tal pergunta relacionando *de alguma forma* os fatos puramente contingentes do mundo espaço-tempo num sistema exaustivo de relações lógicas, que operam independentemente de Deus.

Ao invés de construir um teísmo junto com o homem natural, de acordo com os princípios do homem natural, para então, após isso, falar de Cristo e a ressurreição, Paulo *proclama* a eles um teísmo em termos de Cristo e a ressurreição; Cristo e o juízo vindouro. A atitude de Paulo para com os gregos é basicamente expressa quando ele diz: “Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo? Visto como na sabedoria de Deus o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação” (1 Coríntios 1:20-21, ACF).

Fonte: *The Great Debate Today*, Cornelius Van Til, (Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1970), p. 168-70.